

Transformações das paisagens rurais na França nas duas últimas décadas

Andréa ACIOLI¹
acioli.rj@gmail.com
Universidade de Lyon 2
Laboratoire Aménagement Économie Transport (LAET)

Resumo

O Século XX foi um divisor de águas na transformação das paisagens rurais francesas. Contudo, as duas últimas décadas trouxeram novos elementos para essa transformação. Se, por um lado, parte da sociedade francesa se voltou a um questionamento sobre as bases da sociedade de consumo; de outro lado, o campo e suas paisagens têm aparecido cada vez mais como um oásis para uma vida mais saudável. Inúmeros são os desafios nesse processo, e ainda que não se tenham respostas para tais questionamentos, alguns caminhos já vêm sendo delineados. Será que as paisagens rurais francesas estão em vias de sofrerem uma nova transformação significativa? Talvez ainda não, mas cabe construir um olhar mais apurado para o fenômeno que vem se desenvolvendo nos últimos anos.

Introdução

Na França, o mundo rural passou por grandes mudanças ao longo dos últimos dois séculos. A revolução industrial, seguida da chegada do petróleo e, finalmente, da tecnologia digital, foram transformando os modelos de sociedade influenciando consequentemente a relação entre o rural e o urbano. Hoje, torna-se cada vez mais difícil identificar uma paisagem definidora de um de outro, uma vez que, em um contexto de um mundo globalizado, com encurtamento de distâncias e avanço espacial das tecnologias digitais, os estilos de vida tendem a ser uniformizados.

Parte deste processo se reflete mediante a presença crescente de urbanidades no rural, consideradas como manifestações de espaços híbridos, nas quais o urbano e o rural se entrecruzam e interagem em muitas formas de combinações (RUA, 2006). Contudo, ainda

¹ Pós-doutorado em Planejamento Urbano pela École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-La Villette e doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente, reside na França, onde desenvolve como Engenheira de Pesquisa/Pós-doutoranda em Urbanismo pela Universidade de Lyon 2 (França) pesquisa relacionada à análise das representações sociais do serviço de entrega por bicicleta como parte do planejamento urbano sustentável da cidade de Lyon. Possui 13 anos de experiência em pesquisa e ensino em geografia e em estudos de desenvolvimento local e sustentabilidade.

que a fronteira geográfica entre a cidade e o campo tenha se tornado difusa, a dicotomia entre as representações simbólicas relativas à ruralidade e à urbanidade permanece ainda viva e cristaliza as questões sociais. É preciso ter em conta que há componentes mais subjetivos que influenciam na definição desses espaços, como, por exemplo, a variedade de percepções que eles invocam e que terminam, portanto, por definir seus graus de atratividade.

Sendo assim, quando nos referimos a uma “paisagem rural francesa”, entendemos que não se trata de uma paisagem uniforme, já que esta é uma construção social que cristaliza valores, percepções culturais, estilos de vida, modelos econômicos e todas as práticas sociais. Ela se apresenta de maneira bastante heterogênea, fruto da combinação do seu desenvolvimento social histórico, aliada a elementos resultantes das diferenças geográficas, como a densidade populacional de cada local, a variabilidade de sua distância de um centro urbano, entre outros fatores.

Já não falamos tampouco de uma paisagem rural estritamente agrícola. O campo hoje apresenta atividades econômicas diversificadas fazendo com que, atualmente, apenas 1,5% da população francesa seja composta de agricultores (INSEE, 2018). E, ainda que a superfície agrícola útil em 2019 na França seja de 28 milhões de hectares, o que representa cerca de 52% do território nacional (Agreste, Ministério da Agricultura e Alimentação, 2019), existe um movimento de apropriação desses espaços por outros grupos que expressam representações econômicas, sociais e simbólicas diferentes dos usos até então dominantes.

Podemos identificar na França o crescimento de um movimento em busca desse novo e complexo espaço rural, que se expressa tanto mediante uma busca por um espaço que ofereça um melhor ambiente de vida quanto uma busca por valores e práticas associadas que permitam um retorno ao local, um retorno à terra. Essa tendência tem conduzido a uma renovação das ruralidades, incluindo uma renovação demográfica, mas também uma renovação da sociedade com a busca de um novo equilíbrio territorial, incluindo um compromisso com as transições econômicas, democráticas e ecológicas.

Por outro lado, vemos que tal fenômeno não acontece sem expressar as contradições já presentes no seio desta sociedade. Falamos, portanto, de uma seletividade espacial ligada às condições socioeconômicas das populações que estão em busca desse movimento de retorno ao rural e que trazem consigo consequências no que diz respeito ao desenvolvimento de novas relações sociais nesses espaços. Seja por meio do turismo, seja por um movimento ecologista – por vezes elitista – da classe média alta francesa, entre outros fatores, o

resultado é que temos um espaço rural em profundo processo de transformação neste momento.

O desenvolvimento do espaço rural francês ao longo do século XX

Após a revolução de 1789, o campesinato francês representava 80% da população nacional (SOLE, 1988), e foi o responsável por grande parte das mudanças que se sucederam na paisagem rural francesa até o século XIX. Já neste século, fazendas modelo, inspiradas em exemplos ingleses, floresceram na França. Desenvolvidos por nobres proprietários, por empresários ricos combinando agricultura e indústria ou mesmo por proprietários camponeses, esses foram lugares ativos e produtivos de pesquisa e desenvolvimento cujas inovações incluíram tanto práticas agrícolas quanto moradias rurais para fazendas que serviram a um duplo propósito de produção e moradia.

A grande estruturação das paisagens rurais francesas atingiu seu auge no século XIX, refletindo a organização rigorosa da terra. Dois tipos principais de estrutura se destacam: o champagne, chamado *open fields* em inglês, e o bocage.

O champagne é caracterizado por campos abertos e assentamentos agrupados. No século XIX, ela permaneceu particularmente desenvolvida em terras férteis sem grandes relevos, especialmente em bacias sedimentares, como a bacia de Paris. O bocage, por outro lado, é caracterizado por campos cercados por sebes e por um assentamento disperso. No século XIX, tal estrutura foi particularmente desenvolvida em áreas com declives e terras expostas à umidade e menos férteis para as quais a pecuária era mais adequada do que as culturas de campo.

Nesse período, a paisagem rural e, mais precisamente, a paisagem do jardim de sua propriedade, é uma fonte de orgulho para o agricultor, pois é o resultado de uma manutenção cuidadosa. Se o objetivo dessa mão de obra é a produtividade, o resultado é um cânone de beleza para os agricultores: terra bem cuidada e bem cultivada é terra bonita, que é o resultado de uma busca que não é apenas quantitativa, mas também qualitativa. Essa noção pode ser encontrada na toponímia de lugares e aldeias como, por exemplo: Beaupré, Bellecombe, entre outros (AMBROISE, 2013).

O turismo já vinha sendo explorado desde o século XVII pelas elites urbanas francesas. Embora essa prática, originária da Inglaterra, fosse principalmente um turismo cultural para as grandes cidades europeias, o campo também era atraente como lugar de lazer e relaxamento (BOYER, 1999).

Essa visão se desenvolveu e se espalhou em conexão com o movimento artístico

romântico. A paisagem foi então definida de um ponto de vista artístico como um objeto visualmente sensível, um cenário especial. As paisagens rurais passam a ser um assunto real para a classe social de elite, que tinha acesso à arte, viagens, turismo e que, em geral, vivendo na cidade, tinha tanto distância física quanto intelectual das paisagens por eles admiradas. Eles as observavam enquanto os camponeses as habitavam. Em ambos os casos, suas percepções são carregadas de simbolismos e prismas culturais que revelam sua relação com a terra e com a natureza.

O século XX foi um momento de grande mudança no espaço rural francês, o que se refletiu inevitavelmente na configuração de suas paisagens. Foi no século XX que a agricultura sofreu uma segunda e mais rápida aceleração, dentro de um quadro geral de grande crescimento econômico e progresso técnico acelerado (DÉSERT, 1984). Esse contexto deve muito às duas grandes guerras do início do século, devido às invenções técnicas a que elas deram origem, mas também e, sobretudo, devido ao período de reconstrução do pós-guerra.

Os Trinta Anos Gloriosos (1945-1973) foram o cenário de uma expansão econômica sem precedentes, marcada por uma forte política produtivista e pelo advento completo do capitalismo. A agricultura francesa atingiu seu ápice no século XX: passou da agricultura de abastecimento interno para uma agricultura de produção de excedentes, fruto da modernização da sua produção.

Do campo para a cidade: o reflexo de uma agricultura mecanizada

A modernização e a produtividade da agricultura foram apoiadas politicamente durante o "Trente Glorieuses", houve o estabelecimento do mercado comum em 1957, a criação da Política Agrícola Comum em 1962, a criação de sindicatos agrícolas, bancos especializados etc. Passamos então do camponês cuja relação com a terra era um modo de vida, um conhecimento que era transmitido de geração em geração, para o agricultor cuja relação com o solo era uma profissão que podia ser escolhida e apreendida: uma mudança de uma classe social para uma categoria socioprofissional (BOURON; GEORGES, 2015).

O sociólogo Henry Mendras, em 1962, em seu ensaio intitulado "O fim dos camponeses" (MENDRAS, 1967), observou as mudanças da população agrícola na França. Esta que, em 1914, apresentava cinco milhões de agricultores, se transformou, em 2015, em uma potência agrícola com apenas quatrocentos mil agricultores. Ficou evidente a participação da agricultura moderna na transformação de uma sociedade rural em uma sociedade predominantemente urbana.

Uma grande parte da população migrou do campo para a cidade em ondas sucessivas de 1910 a 1970. A França entrou em uma grande era de urbanização, tanto geograficamente, com expansão urbana e suburbanização, mas também social e simbolicamente. Essas grandes mudanças conduziram a uma transformação exponencial das paisagens tanto urbanas quanto rurais; estas últimas, tendo sido simplificadas pela modernização da agricultura, uma "simplificação enraizada no pensamento do engenheiro, a lógica técnica" (LUNEAU, 2016).

Passamos, portanto, da construção de paisagens agrárias do século XIX, baseadas na terra e em seus recursos locais, para paisagens agrárias do século XX, construídas sobre um único modelo de produtividade.

Essa simplificação das paisagens não ocorreu apenas no planejamento agrícola, mas também no planejamento urbano e na arquitetura. A expansão urbana, incluindo as áreas residenciais e comerciais, se espalhou no campo com base em padrões de planejamento similares: conjuntos habitacionais, fábricas, autoestradas, ferrovias etc.

Como o transporte é facilitado, materiais baratos como o cimento também se tornam a norma e são difundidos dentro dos espaços urbano, periurbano e rural. Esse processo permitiu uma rápida expansão das moradias, facilitando o aumento da contração de população e de mudanças nos padrões de vida (BOURON; GEORGES, 2015).

Essa evolução brutal das paisagens e sua tendência a se uniformizar está se tornando objeto de muitas críticas negativas. Sua evolução é qualificada recorrentemente como uma banalização ou uma degradação das paisagens, ou, como o vice-presidente da Maisons Paysannes de France chamou, um "câncer residencial²" (ALGLAVE, 2016).

Ao mesmo tempo, outro fenômeno decolou: o turismo de massa. Com as férias remuneradas promovidas a partir de 1936, o aparecimento do carro e os meios de transporte cada vez mais desenvolvidos, rápidos e baratos, o turismo se tornou mais popular e mais difundido. A difusão de imagens com o advento da fotografia, do cinema e dos cartões postais contribuiu muito para o desenvolvimento de uma forma popular de turismo paisagístico.

A paisagem tornou-se assim um assunto para as massas como um objeto material e sensível, tornou-se um objeto de consumo. O valor terapêutico e estético do campo é uma percepção que se espalha das elites para as outras classes sociais. "Os turistas de massa são então percebidos como consumidores da natureza, devoradores de paisagens" (BOYER,

² Tradução livre feita pela autora da expressão "câncer pavillonnaire", retirada do texto original em francês, referido na citação.

1999). Popularmente, as paisagens rurais adquirem um valor de mercado de decoração, passam a ser consideradas um produto a ser consumido. E sua preservação como base material para a reprodução desse olhar se torna essencial.

A década de 1990, de certa forma, se soma a esse processo ao trazer uma crescente preocupação com os efeitos nocivos da intensificação e homogeneização dos modelos de produção: poluição do solo e das águas subterrâneas, o impacto do desaparecimento dos prados na biodiversidade vegetal e animal etc. Com isso, em 03 de junho de 1992 aconteceu a Eco-92, Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento, que mudou a noção de proteção da natureza e solidificou as bases para o debate sobre o desenvolvimento sustentável.

A conscientização da fragilidade da paisagem de recursos também se espalhou entre os habitantes das áreas rurais. Entretanto, para os habitantes, é a herança do século XIX, da beleza da natureza ajardinada, de um território bem conservado que reflete um trabalho produtivo e bem conduzido que prevalece. Assim, a paisagem e as diferentes maneiras de olhar para ela cristalizam expectativas sociais e ambientais cada vez maiores e, às vezes, conflitantes.

Os desafios do desenvolvimento das paisagens rurais francesas contemporâneas

Está surgindo uma rejeição da cidade, acompanhada de uma expectativa de um retorno ao essencial, um retorno à natureza, e que se traduz em um desejo pelo campo, uma atração pela dimensão simbólica da ruralidade. O campo vem sendo cada vez mais associado a um ambiente de vida mais agradável, como aponta o estudo realizado pelo Ifop em 2018, o qual indica que 81% dos franceses consideram a vida no campo como um modo de vida ideal.

Na França, uma em cada duas pessoas que vivem na região de Ile-de-France quer deixar a região (L'OBSOCO, 2018). Eles citam um descontentamento geral, mencionando fatores como o estresse, alta densidade populacional, muita poluição etc., e terminam sendo atraídos, entre outras coisas, por uma ruralidade idealizada que em sua percepção permite viver em um ambiente de vida sereno e mais próximo da natureza.

Mas não é apenas o ambiente de vida associado à ruralidade que provoca essa atração; é também o modo de vida e o modelo de sociedade. As pessoas rejeitam os excessos da sociedade de consumo-produção e vão em busca de uma certa sobriedade de vida e de uma relação renovada com a terra.

Há, por outro lado, uma desigualdade espacial nessa busca, privilegiando as áreas costeiras, principalmente ao sul do país, o que se explica pela atratividade que o imaginário de um lugar de sol e de férias criou como lugar perfeito para se ter qualidade de vida. Já no Norte do país, com exceção da Bretanha e da costa, encontramos um déficit migratório global.

Além dos fatores mencionados, outro elemento de valorização é a proximidade de um centro urbano. De fato, quase todas as estradas circulares têm um saldo positivo, seja no Norte ou no Sul. No Nordeste, por exemplo, uma área pouco povoada que esteja conectada a um centro urbano pode ter um saldo migratório positivo, enquanto as áreas que estão encravadas na mesma região terão um déficit.

Contudo, ainda que esse movimento apresente um saldo positivo, ele não acontece sem que haja contratempos no caminho. Na mídia e nas redes sociais, não é raro encontrar casos reais de novos rurais que ficam desiludidos quando descobrem a brecha entre sua ruralidade fantasiosa e a realidade de viver no campo. Não faltam exemplos de pessoas que decidem deixar a vida na cidade para se mudarem para o campo e que acabam tendo dificuldade de se adaptar à sua nova casa. Uma pesquisa da Ipsos mostra que 47% dos novos rurais têm dificuldade de adaptação à vida local e 42% à população local (IPSOS, 2003).

Portanto, a primeira questão que diz respeito a todas as áreas rurais e, especialmente aquelas que são as mais atraentes, é a conciliação de todos os usos e usuários. Dependendo da ruralidade, certas funções predominam sobre outras: a função residencial para o campo urbano, as funções residencial e ambiental com o turismo para o campo ao longo da costa e em vales urbanizados, a função produtiva para o campo agrícola e industrial e, finalmente, a função ambiental para o campo envelhecido com densidade muito baixa. Os conflitos de uso da terra refletem esta situação complexa. A função residencial tende então a ter precedência sobre as funções produtivas e ambientais, enquanto, paradoxalmente, é o campo natural e cheio de recursos que atrai.

Outro ponto a ser analisado no que diz respeito aos desafios encontrados para uma vida no campo é a questão da acessibilidade a serviços e a mobilidade. De um lado, temos uma oferta de serviços que se desenvolve de acordo com a densidade populacional, o que afeta mais severamente as áreas hiper rurais. Por outro lado, há a necessidade dos moradores dessas áreas rurais de possuir um transporte individual, para que consigam acessar os serviços se deslocando para centros urbanos próximos ou até mesmo se deslocando dentro do seu próprio território.

Podemos dizer que o uso do carro como transporte individual tem sido ao mesmo

tempo economizador e devastador para as áreas rurais. Ele tornou a cidade e seus serviços mais acessíveis aos habitantes do campo e, inversamente, tornou o campo e suas comodidades mais acessíveis aos habitantes da cidade. Eu uma nova liberdade à população rural, uma fonte de maior conforto de vida. A solução automobilística foi adaptada ao tamanho de nossos territórios rurais e esse tamanho continuou a ser adaptado por meio do planejamento do uso do solo e do desenvolvimento da infraestrutura viária. Então, encontramos-nos presos a essa escolha modal. O que era uma solução se tornou uma obrigação. Podemos ver isso claramente no exemplo do desaparecimento de pequenas lojas rurais, que foram suplantadas pelos supermercados e outras grandes lojas. Passamos da proximidade de um pedestre para a proximidade de um carro (MASSAL, 2018).

Esses são apenas alguns dos desafios que ainda precisam ser enfrentados pelas populações que optam por permanecer no campo, ou mesmo pelas que migram das áreas urbanas para essas áreas. O Estado francês tem buscado trabalhar pela igualdade territorial, um resultado que é muito difícil de alcançar quando paradoxalmente as grandes áreas urbanas, que cobrem apenas 6% do território possuem 57% da população francesa (DATAR, 2012).

Por outro lado, os moradores dessas áreas têm buscado se reinventar para que possam garantir sua permanência na terra. Uma de suas estratégias passa pela renovação das paisagens rurais como ferramenta para alcançar mais atratividade turística. O empreendedorismo tem sido um elemento forte nessa transformação, fazendo florescer nas paisagens rurais todo tipo de atividades e de novas ideias.

Conclusão

Olhando para as paisagens rurais na França contemporânea, podemos dizer que, diante de recursos limitados e dificuldades, o mundo rural ainda pode ser considerado como uma terra de recursos. A imagem negativa de abandono pelas autoridades superiores deve ser superada para abraçar a imagem de dinamismo e criatividade locais.

Esse movimento já vem sendo produzido quando observamos que nas pequenas cidades rurais são criados festivais e celebrações que indicam que se às áreas rurais faltam os meios, não lhes falta a criatividade e a motivação para desenvolver iniciativas de qualidade. A cultura também não é uma prerrogativa apenas das cidades; o campo também tem artistas, escritores, poetas, museus, galerias e festivais.

O mundo rural oferece, portanto, espaço e a possibilidade de se reinventar e vem se mostrando uma terra ideal para o empreendedorismo. De acordo com o estudo do Ifop, 60%

dos franceses dizem que, se iniciassem um negócio, desejariam fazê-lo em um ambiente rural (IFOP, 2018). O campo acolhe tanto as atividades de novos empresários rurais que chegam com seus projetos e experiências como as atividades de pessoas rurais de longa data que são mobilizadas diante dos desafios de sua permanência no local. As áreas rurais são, portanto, laboratórios de inovação.

A maioria desses projetos faz parte das transições ambientais, econômicas e sociais da sociedade. Eles defendem uma renovação mais virtuosa e ética, confiando no forte capital social das áreas rurais. Além disso, eles são apoiados pelas expectativas dos consumidores que estão cada vez mais concentradas no local. Assim, os atores rurais estão muito envolvidos na economia social e solidária e investindo também em inovar mediante atividades relacionadas à transição de energia, tecnologia digital, turismo verde etc.

O desenvolvimento local é, portanto, muito ativo, mas tem de lidar com várias restrições. Em primeiro lugar, os projetos e experimentos estão muito espalhados pelos territórios e distribuídos de forma desigual. Em segundo lugar, a falta de meios financeiros continua sendo um grande problema. O programa europeu do segundo pilar da Política Agrícola Comum (PAC) para o desenvolvimento rural oferece apoio financeiro para o desenvolvimento local, com um orçamento francês de 687 milhões de euros. No entanto, a burocracia administrativa e os problemas de coordenação entre as regiões e o Estado são tais que apenas 4,5% do orçamento 2014-2020 foi efetivamente utilizado.

Para prosperar, o desenvolvimento local requer simplificação de procedimentos e vínculos entre as diversas iniciativas, setores, empresários, representantes eleitos, habitantes e políticas públicas. Os diferentes atores dos territórios reunidos na ANNR apresentam um ponto essencial: a necessidade de trabalhar a inteligência coletiva. Para criar tais sinergias, os territórios precisam de uma contribuição de engenharia territorial que lhes permita reunir meios, energias e recursos e criar um diálogo entre todos os atores e habitantes.

Referências Bibliográficas

AGRESTE et MINISTÈRE DE L'AGRICULTURE ET DE L'ALIMENTATION, 2019. 2019-4: *Statistique agricole annuelle 2017-2018 - Données provisoires*. S.I. Agreste Chiffres et Données.

AGULHON, Maurice et DUBY, Georges, 1992. *Histoire de la France rurale. 3: Apogée et crise de la civilisation paysanne de 1789 à 1914*. Paris: Ed. du Seuil. Collection Points, 168. ISBN 978-2-02-017334-6.

AMBROISE, Régis, 2013. 2 : *Régis Ambroise* [on line]. S.l. [Consultado em 05 de Set 2021]. Openfield. Disponível em: <https://www.revue-openfield.net/2013/06/23/evolution-de-la-pratique-paysagiste-face-a-la-question-agricole/>.

ALAIN BERTRAND, 2014. *Hyper-Ruralité - Un pacte national en 6 mesures et 4 recommandations pour « restaurer l'égalité républicaine »* [on line]. S.l. République Française. Disponível em: <https://www.ladocumentationfrancaise.fr/var/storage/rapports-publics/144000475.pdf>.

ALGLAVE, Gilles, 2016. Le bâti rural, modèle et vecteur de développement durable. In: *Campagnes, l'alternative!* Saint Denis: Libre et solidaire Editions. ISBN 978-2-37263-024-5.

AUBERT, Francis, FRÉMONT, Armand, GAUVRIT, Lisa, HEURGON, Edith, HUBERT, Bernard, RIBA, Guy et TORRE, André, 2008. *Les nouvelles ruralités en France à l'horizon 2030*. Relatório do grupo de trabalho sobre novas ruralidades. S.l. INRA.

BESSE, Jean-Marc, 2015. La dimension politique du paysage: débat épistémologique autour du paysage dans la géographie. In : *Canal UA - Université d'Angers* [on line]. 2015. Disponível em: <http://canal-ua.univ-angers.fr/avc/courseaccess?id=1664>. Acesso em: 3 set. 2021.

BOURON, Jean-Benoît et GEORGES, Pierre-Marie, 2015. *Les territoires ruraux en France: une géographie des ruralités contemporaines*. Paris: Ellipses. ISBN 978-2-340-00637-9. MLCM 2018/46819 (G)

BOYER, Marc, 1999. *Histoire du tourisme de masse*. Paris: Presses Univ. de France. *Que sais-je?*, 3480. ISBN 978-2-13-050012-4.

BRISEUX, Charles-Etienne, 1743. *L'art de bâtir des maisons de campagne*. Paris: Prault père. S.l. : s.n.

CANTERCEL.COM, 2019. Découvrir. In: *d'expériences pour l'habitat* [enligne]. 2019. em: <http://www.cantercel.com/decouvrir/>. Acesso em: 7 set. 2021.

CLOUT, Hugh D., 1972. *Rural geography: an introductory survey*. 1st ed. Oxford, New York: Pergamon Press. The Commonwealth and international library. Pergamon Oxford geographies. ISBN 978-0-08-017041-1. HN385.5 .C58 1972

COLLECTIF PAP et CHAIRE PAYSAGE ET ENERGIE, 2016. *La transition énergétique par le projet de paysage: méthode d'accompagnement des territoires à énergie positive*. S.l.

COMMUNAUTÉ DE COMMUNES DE LA VALLÉE DE LA BRUCHE, 2019. Le paysage dans tous ses états. In: *valleedelabruche.fr* [on line]. 2019.. Disponível em: <https://cc.valleedelabruche.fr/une-vallee-pour-developper-ses-sens/le-paysage-dans-tous-ses-etats.html>. Acesso em: 4 set. 2021.

CONSEIL DE L'EUROPE, 2000. 176: *Convention européenne des Paysages*. traité européen. Florence.

DATAR, 2012. Typologie générale des campagnes françaises. In: *L'Observatoire des Territoires* [on line]. 2012. Disponível em: <https://www.observatoire-des-territoires.gouv.fr/observatoire-des-territoires/en/typologie-g-n-rale-des-campagnes-fran-aises>. Acesso em: 1 set. 2021.

DEMIER, Francis, 2019. RÉVOLUTION AGRICOLE ET INDUSTRIELLE - repères chronologiques. In: *Encyclopædia Universalis* [on line]. 2019. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/revolution-agricole-et-industrielle-reperes-chronologiques/>. Acesso em: 8 set. 2021.

DUMONT, Gérard-François, 2012. *UN MEURTRE GÉOGRAPHIQUE: LA FRANCE RURALE*. [on line]. mars 2012. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00762820>. Acesso em: 18 ago. 2021.

DUMONT, Gérard-François et CHALARD, Laurent, 2010. “Pour une nouvelle analyse territoriale”. In: WACKERMANN, Gabriel et BALLETT, Jérôme (éd.), *L'écosociété*. Paris: Ellipses. Carrefours. pp. 343-352. ISBN 978-2-7298-5296-2. HC79.E5 E293 2010.

FEYRY, Sophie, GOURIO, Janine, PÉRÉ, Pierre, RAMBERT, Jean-Louis et RAMBERT, Marie-Thérèse, 2016. *Vivre le bocage en Bazois*. S.l. Guide citoyen du Bazois.

GARAT, Nathalie, 2018. Le touriste, cet étranger ? In: *Diagonal*. Julho 2018. n.º 203, p. 62. GÉRARD-FRANÇOIS DUMONT, 2018. “Intercommunalités ou « supracommunalités »”. In: *Les espaces ruraux et l'avenir de la population*. Dezembro 2018. n.º 740.

IFOP, 2018. *Territoires ruraux : perceptions et réalités de vie* [on line]. S.l. Familles Rurales. Disponível em: https://www.famillesrurales.org/sites/multisite.famillesrurales.org/_www/files/ckeditor/actualite/s/fichiers/Rapport%20Etude%20RURALITES%20d%C3%A9_0.pdf.

IFOP, 2019. *Le retour à la campagne* [on line]. S.l. Landestini. Disponível em: <https://www.ifop.com/wp-content/uploads/2019/05/116361-Rapport-Le-retour-%C3%A0-la-campagne.pdf>.

INSEE (éd.), 2015. “Les zonages d'étude de l'Insee”. In: INSEE (ed.), *Insee Méthodes*. março 2015. n.º 129, p. 9.

INSEE, 2018. *Catégorie socioprofessionnelle selon le sexe et l'âge en 2018*. [on line]. 2018. em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/2489546>. Acesso em: 10 set. 2021.

IPSOS, 2003. “Néo-ruraux : portrait des citadins venus s'installer à la campagne”. In: *Ipsos* [on line]. 2003.z Disponível em: <https://www.ipsos.com/fr-fr/neo-ruraux-portrait-des-citadins-venus-sinstaller-la-campagne>. Acesso em: 12 set. 2021.

JEAN, Yves et PÉRIGORD, Michel, 2009. *Géographie rurale: la ruralité en France*. Paris : A. Colin. 128. Géographie, géopolitique. ISBN 978-2-200-35571-5. GF127.J43, 2009.

JOLY, Patrice, 2016. “Oser la nouvelle ruralité”. In: *Campagnes, l'alternative!* Saint Denis : Libre et solidaire Editions. ISBN 978-2-37263-024-5.

KAYSER, Bernard, 1988. Permanence et perversion de la ruralité. In: *Études rurales*. 1988. Vol. 109, n° 1, pp. 75-108. DOI 10.3406/rural.1988.3223.

LELIÈVRE, Claire, 2016. “Un territoire où tout réinventer”. In: *Campagnes, l’alternative!* Saint Denis: Libre et solidaire Editions. ISBN 978-2-37263-024-5.

LÉVY, Jacques, 2015. *Les territoires ruraux seront urbains (ou ne seront pas)* [on line]. Actes des 20e controverses européennes de Marciac. Disponible em: http://www.agrobiosciences.org/IMG/pdf/Actes_20emes_CEDM-2.pdf. Acesso em: 8 set. 2021.

L’OBSOCO, 2018. *Aspirations et projets de mobilité résidentielle des Franciliens* [on line]. Rapport d’étude. S.l. Forum Vies Mobiles. Disponible em: <http://fr.forumviesmobiles.org/projet/2018/04/18/enquete-sur-laspiration-quitter-lile-france-12408#toc-item-5>.

LUNEAU, Gilles, 2016. *Réinventer l’agriculture*. Saint Denis: Libre et solidaire Editions. Campagnes, l’alternative! ISBN 978-2-37263-024-5.

MASSAL, Céline, 2018. “La fin des commerces de proximité dans les campagnes françaises” ? In: *Géocofluences* [on line]. 27 avril 2018. Disponible em: <http://geoconfluences.ens-lyon.fr/informations-scientifiques/dossiers-regionaux/france-espaces-ruraux-periurbains/articles-scientifiques/disparition-commerces-proximite>. Acesso em: 11 set. 2021.

MENDRAS, Henri, 1967. *La fin des paysans, innovations et changements dans l’agriculture française*. Paris: SEDEIS. Futuribles. HN425.5 .M37, 1992.

MENDRAS, Henri, 1992. *Voyage au pays de l’utopie rustique*. Arles: Actes Sud. ISBN 978-2- 86869-857-5.

MINISTÈRE DE L’ÉCOLOGIE ET DU DÉVELOPPEMENT DURABLE et DIRECTION DE LA NATURE ET DES PAYSAGES, 2007. *Les unités et structures paysagères dans les atlas de paysage*. S.l. Gestion des milieux naturels et biodiversité.

MORA, Olivier, RIBA, Guy et HUBERT, Bernard, 2010. “Vers de nouvelles ruralités?” In: DATAR (ed.), *Prospective périurbaine et autres fabriques de territoires - Territoires 2040*. 2010. n.° 2, pp. 93-99.

PÉRON, Madeleine et PERONA, Mathieu, 2018. n.° 2018-07: *Bonheur rural, malheur urbain?* [on line]. Note de l’Observatoire du Bien-être. S.l. CEPREMAP. Disponible em: <http://www.cepremap.fr/2018/11/note-de-lobservatoire-du-bien-etre-n2018-07-bonheur-rural-malheur-urbain/#easy-footnote-bottom-2-3419>.

PINEAU, Jean-Yves, 2016. Le développement local construit par le territoire et les citoyens. In: *Campagnes, l’alternative!* Saint Denis: Libre et solidaire Editions. ISBN 978-2-37263-024- 5.

RUA, João. Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades. Campo-Território: *Revista de Geografia Agrária*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006. Disponível em: <http://www.campoterritorio.ig.ufu.br/viewarticle.php?id=23>. Acesso em: 8 set.. 2021.

SANCÉBÉ, Yannick, 2002. *Agriculteurs, ruraux et citadins: les mutations des campagnes françaises*. Dijon: Educagri: Centre régional de documentation pédagogique de Bourgogne. Documents, actes et rapports pour l'éducation. ISBN 978-2-84444-232-1. HD1945.A625, 2002.

SOLÉ, Jacques, 1988. *La Révolution en questions*. Paris: Ed. du Seuil. Points Histoire, 98. ISBN 978-2-02-009827-4.

TERRACOL, Pascal, 2015. Marius Vazeilles, précurseur d'une ingénierie territoriale? In: *Espace rural & projet spatial* [on line]. Saint-Étienne : Publications de l'Université de Saint-Étienne. p. 87. ISBN 978-2-86272-559-8. Disponível em: <https://fr.calameo.com/read/004667000952c3f8d63e6>.